

EDITORIAL

“Arte sobreviveu a todas as ditaduras”, nas palavras de Paulo Bruscky. O artista adotou postura combativa durante a ditadura militar no Brasil (1964–1985), mas a frase é uma formulação recente. O estilo direto de Bruscky expira resistência, ao mesmo tempo em que inspira reflexão. Quais são as sobrevivências da arte perante os plurais das ditaduras?

O vigésimo número da Revista-Valise, último de 2022, dedica-se ao tema – infelizmente tão atual – das ditaduras militares. Convidamos pesquisadoras e pesquisadores a enviarem suas reflexões sobre os regimes ditatoriais em suas amplitudes históricas, geográficas e críticas, desde uma perspectiva artística. Os artigos e ensaios do dossiê exploraram os significados múltiplos e sempre renováveis da produção artística em face de regimes ditatoriais – tanto do passado, quanto do presente, e quiçá do futuro – no Brasil e na América Latina.

Abre o número o ensaio visual “À Sombra da Cachoeira”, de nossa convidada Manoela Cavalinho, com textos e imagens reunidos em 2021, quando a artista visual viajou com Kevin Nicolai e Daniela Prates para o oeste do Paraná, local de morte e desaparecimento de um grupo de militantes brasileiros e um estudante argentino durante a ditadura civil-militar.

Na sequência, também a convite da equipe editorial, Edson Luiz André de Sousa, em “Ilhas da memória”, aborda a obra *Epigramas*, de Manoela Cavalinho. Trata-se de uma performance-adesivagem realizada em setembro de 2022, na Ilha das Pedras Brancas (antiga Ilha do Presídio), em Porto Alegre, que foi um local de encarceramento e de tortura de dissidentes políticos durante a



ditadura civil-militar brasileira. A obra da artista toma a ilha como página viva da história e vai fazendo seus registros textuais em superfícies com densas camadas de experiência, redesenhando uma cartografia de memória, que subverte o esquecimento e torna as velhas paredes da prisão um lugar de inscrição da história política brasileira recente.

Outros dois ensaios visuais fazem parte do dossiê “Arte, ditaduras e sobrevivências”. Gustavo Balbela, em “Paisagens ilegítimas: minimalismo, autoritarismo e a Elevada da Conceição”, trabalha na interseção entre o visual e o textual, propondo-se a observar um elemento da infraestrutura viária da cidade de Porto Alegre como obra de arte contemporânea. No cerne, tenta estabelecer relações críticas entre a paisagem urbana e a história política brasileira.

Também a convite de nossas editoras e editores, Munir Klamt e Laura Cattani, no ensaio visual “Santo Antônio”, elaboram e problematizam as memórias vinculadas à residência situada no número 600 da Rua Santo Antônio, em Porto Alegre, local que foi usado como centro de detenção clandestino e tortura durante o período da ditadura civil-militar no Brasil. Por meio de uma série de desenhos sobre papel preto, buscam recompor parte da arquitetura daquele espaço, que evoca elementos subterrâneos e perturbadores – tanto reais quanto imaginados.

Seguem-se os artigos selecionados para o dossiê. Lúcia Marques Xavier, em “Memórias de Barcelona, de Vera Barcellos: marcas sobre a epiderme urbana”, discute a série fotográfica *Memória de Barcelona* (1977), que se desdobra em três versões, percebe-se o entrelaçamento entre a memória pessoal da artista Vera Chaves Barcellos (1938) e o contexto histórico da cidade de



Barcelona e do Brasil, recém-saído dos anos de chumbo (1969-1977). Ao retratar os muros pichados da cidade catalã, a artista demonstra uma preocupação com o mundo que a cerca, sendo o uso da fotografia fundamental para retratar a realidade.

Letícia Sotero de Abreu, em “A imagem como dispositivo de busca: memórias do desaparecimento”, desenvolve uma reflexão poética e teórica sobre as complexidades do olhar na série *Cómo miran tus ojos*, de Maria Soledad Nívoli, dedicada ao pai desaparecido durante a ditadura militar argentina. Como fato intermitente, a presença é analisada no intervalo entre o desaparecimento e a nova forma de existir, através dos arquivos preservados. A elaboração do trauma da subtração identitária é costurada ainda ao documentário *L'image manquante*, do diretor cambojano Rithy Panh.

Rodrigo Montero, em “Ditadura, desaparecimento e arte na Argentina: a reação artística frente à vontade de apagamento”, parte da obra *Siluetazo*, de 1983, para analisar alguns exemplos dessa resistência ao desaparecimento perpetrado pelo terrorismo de Estado como método de eliminação e de controle social. Contra esses apagamentos, a arte surge como reação e forma de resistência.

Manoela Cavalinho [Manoela Farias Nogueira] também comparece com um artigo. Em “Livro de Foz: Viagem ao oeste do Paraná, percorrendo os itinerários de um grupo de desaparecidos políticos (1974- 2021)”, a autora aborda uma viagem para o oeste do Paraná em busca da história de seis desaparecidos políticos mortos durante a ditadura militar. O trajeto é contado a partir da transcrição de 42 frases do Livro de Foz, espécie de diário e livro



de artista em que ela relata o percurso e apresenta uma série de acasos e reviravoltas que acompanharam a viagem.

Rafael Pagatini, outro de nossos convidados, analisa como se constituiu o imaginário social em relação à memória seletiva sobre a modernização econômica promovida pela ditadura militar em “As promessas vazias de futuro e a construção de um imaginário social: A ditadura militar e os grandes esquecimentos no Espírito Santo”. Confronta o otimismo em relação ao futuro e a imagem do governo militar presente em anúncios veiculados na imprensa capixaba e o aumento da desigualdade, da violência, da segregação urbana e da formação da periferia na Região de Grande Vitória.

Bárbara Mol, no artigo “Para o Brasil, suas imagens: rascunho crítico sobre ‘Cadernos do povo brasileiro’, de Leila Danziger”, manifesta o desejo de refletir sobre o gesto sensível que faz ver o apagamento das vidas desintegradas pela ditadura e pela violenta democracia atual. Nos dirige, assim, na reflexão das incompreensões da história e dos cruzamentos de tempos que não podemos, ainda, considerar idos.

Alessandro Aued, em “Arte de retaguarda: lutas pela memória e os usos da bandeira do Brasil na arte contemporânea brasileira no pós-golpe de 2016”, parte de um caso de censura ocorrido em plena ditadura civil-militar de 1964-1985, que envolveu a utilização da bandeira do Brasil em uma obra de arte. A partir desse evento, ele busca entender como a falta do trabalho de memória sobre os traumas sociais desse período ditatorial ainda gera efeitos perversos no atual cenário político-social do Brasil. Nesse processo, explora o conceito de Arte de Retaguarda, de Maria



Angélica Melendi, para compreender como a arte pode confrontar o contexto histórico e político do país.

Por fim, Adriana Camargo Pereira, em “Jogos e costumes: entre documento e a resistência nas hibridizações de Eustáquio Neves”, apresenta uma análise de duas imagens que compõem a obra deste multiartista, elaborada para a edição da 3ª Bienal da Bahia, ocorrida em 2014, dando a ver as camadas históricas registradas na superfície das imagens que evidenciam os preconceitos e as violências presentes tanto no campo das artes quanto no âmbito social sobre a cultura negra durante o período de autoritarismo político brasileiro.

A sessão livre começa por três ensaios visuais. No primeiro deles, Sandro Bottene apresenta o tríptico “Anamnesis: Pectus carinatum”, que compõe a série *Anamnese* (2022) e que investiga o corpo e as relações com a subjetividade. O subtítulo faz referência à protrusão deformada da parede anterior do tórax. De forma poética, a dor física/estética encontra-se representada pela Identidade Poética Garoto-cacto. O texto de apresentação e a obra, através de três fotografias dispostas em pranchetas, se constituem, por sua vez, sob a perspectiva de um prontuário clínico.

Depois, André Barbachan, artista e doutorando em Poéticas Visuais (PPGAV/UFRGS), elabora proposições em arte/tecnologia, arte/interatividade em ensaio visual que apresenta resultados estéticos e operacionais originados a partir do objeto/experimento *[EU]ANTAGÔNICO//BRASIL//30/10/2022*. Nele, o artista propõe uma experiência artística que converte o ato de contemplar em ato de interagir. Ao posicionar-se diante da obra por alguns instantes, frente à tela do televisor e a partir de interferência analógica, dá-se a mistura entre duas imagens, a do observador e a dos candidatos à



Presidência da República, que assinalam o antagonismo que divide o país no momento atual.

No terceiro e último ensaio, Juliano Menegaes Ventura apresenta uma experiência de escrita que recombina palavras e símbolos recortados de caixas de papelão recolhidas em supermercados e lojas de diversos produtos da indústria brasileira. A escrita empregada busca criar novas legibilidades para os textos informativos e publicitários propagados pela indústria, deslocando seus sentidos originais e friccionando-os para gerar novos sentidos e novas leituras.

Jorge Bucksdricker inaugura os artigos da sessão livre. Em “Espaços Impressos: As Experiências Editoriais de Qorpo Estranho e Malasartes nos anos 70”, ele propõe uma reflexão sobre duas revistas que reuniram um grande número de artistas e escritores em torno dos seus projetos artísticos. Com perfis editoriais distintos, essas publicações procuraram, cada uma a seu modo, intervir no ambiente intelectual e artístico do país naquele contexto de censura e silenciamento cultural.

Claudio Jansen Ferreira, no artigo “Carlos Pasquetti, a ironia em Super-8”, traça um percurso através de alguns trabalhos do artista partindo do conceito de ironia definido por Kierkegaard, o qual aponta para o embate do sujeito com a realidade por meio da atividade dialética, como um elemento de ativação capaz de provocar no observador/participador o questionamento útil à investigação da configuração do que se vê.

No artigo “Vídeo-teatro a partir da releitura da obra ‘As duas Fridas’, de Frida Kahlo”, Ivanete Ferreira Rodrigues da Rosa, Kelly Wendt e Morgana Rodrigues da Rosa relatam uma pesquisa desenvolvida na Especialização em Arte da Universidade Federal



de Pelotas, tendo como resultado a criação de um vídeo-teatro a partir da releitura de uma obra da artista mexicana Frida Kahlo, a fim de refletir sobre o processo de criação colaborativa entre mãe e filha.

Maria Paula Recena e Marcelo Chardosim, em “Com o que sonha a cidade-dormitório: reflexões sobre o Parque da Solidariedade”, propõem-se a divulgar ações que se dão sobre uma área urbana em disputa, localizada em Alvorada na Grande Porto Alegre, onde, desde 2015, ações sistemáticas como mutirões de limpeza, ações artísticas e educativas, são praticadas. O artigo propõe uma reflexão sobre o papel da arte na instauração de um campo que se impõe politicamente, pressionando as estruturas convencionais preexistentes.

Encerra o número o texto de Georges Didi-Huberman “O lugar apesar de tudo”, na tradução de Fercho Marquéz-Elul e revisão de Eduardo Veras. O artigo propõe uma reflexão sobre o filme *Shoah*, de Claude Lanzmann, para pensar sobre o Holocausto não no domínio da lembrança, mas de uma investigação. A partir do depoimento dos sobreviventes devemos nos perguntar: “O que esses campos nos impõem? A quais imagens eles se referem? Qual o benefício de retornar a eles?”

Trata-se de um número com contribuições diversas, mas que dialogam entre si e renovam o compromisso da Equipe Editorial da Revista Valise de divulgar pesquisas acadêmicas atuais no campo das Artes Visuais em diálogo interdisciplinar com outras áreas de conhecimento e socialmente relevantes, tanto na linha da História, Teoria e Crítica da Arte quanto das Poéticas Visuais.

Boa leitura!

